



Artigo

TEATRO NEGRO EM BELO HORIZONTE: MAURÍCIO TIZUMBA, COLETIVO NEGRAS AUTORAS E OUTROS AQUILOMBAMENTOS

BLACK THEATER IN BELO HORIZONTE: MAURÍCIO TIZUMBA, COLETIVO NEGRAS AUTORAS AND OTHER SETTLEMENTS

TEATRO NEGRO EN BELO HORIZONTE: MAURÍCIO TIZUMBA, COLECTIVO NEGRAS AUTORAS Y OTROS ASENTAMIENTOS

Júlia Tizumba

Júlia Tizumba

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Artes, Linha de pesquisa Artes da cena, Escola de Belas Artes da UFMG. Orientadora: Prof^a Dr^a Bya Braga. Pesquisa em andamento no ano de 2022. Bolsista FAPEMIG. Email: julia@tizumba.com

Resumo

Neste trabalho, a autora realiza investigações sobre Teatro Negro a partir de um breve panorama da história do Teatro Negro na cidade de Belo Horizonte, apresentando e refletindo sobre os trabalhos de Maurício Tizumba, Coletivo Negras Autoras e outros aquilombamentos. Para tanto, foi realizada revisão bibliográfica sobre performances negras, observação participante, entrevistas e estudos de documentos primários dos trabalhos artísticos estudados.

Palavras-chave: teatro negro, performance negra, Belo Horizonte, Maurício Tizumba, Coletivo Negras Autoras

Abstract

In this work, the author carries out investigations on Black Theater from a brief overview of the history of Black Theater in the city of Belo Horizonte, presenting and reflecting on the works of Maurício Tizumba, Coletivo Negras Autoras and other settlements (quilombos). For that, a bibliographic review was carried out on black performances, participant observation, interviews and studies of primary documents of the artistic works studied.

Keywords: black theater, black performance, Belo Horizonte, Maurício Tizumba, Coletivo Negras Autoras

Resumen

En este trabajo, el autor realiza investigaciones sobre el Teatro Negro a partir de un breve recorrido por la historia del Teatro Negro en la ciudad de Belo Horizonte, presentando y reflexionando sobre las obras de Maurício Tizumba, Colectivo Negras Autoras y otros asentamientos (quilombos). Para ello, se realizó una revisión bibliográfica sobre performances negras, observación participante, entrevistas y estudios de documentos primarios de las obras artísticas estudiadas.

Palabras clave: teatro negro, performance negra, Belo Horizonte, Maurício Tizumba, Colectivo Negras Autoras

Laroiê, exu! Uma introdução

Antes de mais nada, como de costume, pedimos a bença aos que vieram antes e licença ao senhor dos caminhos para iniciarmos mais um trabalho: Laroiê, Exu!

Minhas pesquisas acadêmicas nasceram de uma inquietação pessoal. Como artista e pesquisadora negra, que vem de uma família de artistas militantes, o caminho para trabalhar com arte negra e o desejo de estudar e aprofundar meus conhecimentos em Teatro Negro me foi muito natural. No entanto, me deparei com poucas publicações que me amparassem no sentido do que me interessava pesquisar. Embora seja perceptível um aumento de artigos, dissertações e teses sobre a temática negra nas Artes da Cena, ainda há muito sobre a história, a presença e as contribuições do povo negro no teatro para ser registrado e reconhecido.

Segundo pesquisa do IBGE, realizada em 2014, 54% da população brasileira é composta por indivíduos negros. No entanto, o Brasil ainda se mostra um país racista e desigual. As artes e a academia não se apartam dessa realidade. O não reconhecimento e pouca valorização das epistemologias, técnicas e potencialidades da cultura e da arte negra em um país como o Brasil, é consequência do processo de colonização e suas estratégias de apagamento e invisibilização de nossas africanidades, travestidas da falsa ideia de democracia racial.

Partindo dessa realidade, nasce o presente artigo “TEATRO NEGRO EM BELO HORIZONTE: Maurício Tizumba, Coletivo Negras Autoras e outros aquilombamentos”, que tem como objetivos principais contribuir para a discussão sobre a temática negra no teatro brasileiro, traçar um breve panorama da história do Teatro Negro na cidade de Belo Horizonte, apresentar e refletir sobre os trabalhos de Maurício Tizumba e Coletivo Negras Autoras.

Para tanto, realizei revisão bibliográfica sobre Teatro Negro e, paralelamente, entrevistas e registros sobre o Teatro Negro que é realizado na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Publicações de Abdias Nascimento, Leda Maria Martins, Evani Tavares Lima e Marcos Antônio Alexandre foram minhas principais referências bibliográficas.

Um “passado negro” que é presente

A história do negro no teatro está diretamente relacionada à história do negro na sociedade brasileira. Os reflexos da forma como nossa sociedade foi construída, em regime escravocrata, reverberam até hoje, inclusive no teatro. Ao fazer uma retomada histórica, verificamos que o negro esteve em cena durante todo o período colonial e, a partir do século XIX, quando o teatro deixa de ser marginalizado, o negro é excluído dos palcos e passa a ser substituído por atores brancos pintados de preto.

Esse panorama começa a se transformar no início do século XX. Podemos compreender essa trajetória de resistência revisitando a história de legado e abertura de caminhos da Companhia Negra de Revista do artista baiano, de Chocolat (1926), do Teatro Experimental do Negro, de Abdias Nascimento (1944), do Teatro Popular Brasileiro (1950), de Solano Trindade e tantos outros grupos de Teatros Negros por todo o Brasil.

Mais especificamente com o surgimento do Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1944, no Rio de Janeiro, abriram-se as portas para os atores negros daquele tempo e inaugurou-se a ideia de se pensar uma dramaturgia, uma estética e uma forma negra de se fazer teatro que valorizasse a cultura negra (africana e afro-brasileira) e retirasse a figura do negro dos corriqueiros papéis cômicos e subalternos.

O teatro reconhecido como atividade decente, os negros só tiveram chance de entrar nele depois de acabado o espetáculo, para limpar a sujeira deixada pelos brancos nos auditórios, camarins, palcos, banheiros e mictórios. As peças que se escreviam e se encenavam refletiam unicamente a vida, os costumes, a estética, as idéias e aspirações da classe dominante, completamente clara, ou

supostamente caucásica. Mais da metade da população, de origem africana, não contava, nem existia mesmo para o nosso teatro. Participante de origem africana numa peça, só se fosse em papel exótico, grotesco ou subalterno. Destituído de qualquer humanidade ou significação artística. Personagens tipificadas nas empregadinhas brejeiras, reboladeiras, de riso e acesso fácil, mães pretas chorosas, estereotipadas, amesquinhando o profundo e verdadeiro sofrimento das mulheres negro-africanas; negros idosos, pais-joãos dos quais se tirava a dignidade e o respeito, pela imposição de um servilismo, uma domesticação, exibidas e proclamadas como qualidade genética da raça negra; com mais frequência o que se via em cena eram os moleques gaiatos, fazendo micagens, carregando bandeja e levando cascudos. Tudo não passava da caricatura do negro que a sociedade cultivava, até que em 1944 fundei no Rio de Janeiro o Teatro Experimental do Negro. (NASCIMENTO, 2021, p. 153).

O TEN, encabeçado por Abdias Nascimento, também se dedicava a outras ações, como a realização de cursos de alfabetização, concursos de beleza para a população afro-brasileira, a produção de jornais e revistas com temáticas negras, a organização de encontros políticos e outros. “O TEN caracterizou-se pela mistura do cultural com o político, valorizando a cultura afro-brasileira e denunciando o racismo através da arte” (DOUXAMI, 2002, p. 320).

“Lista negra”

O Teatro Experimental do Negro, de Abdias do Nascimento, esteve ativo de 1944 a 1968, a partir disso surgiram muitos outros grupos, seguindo o exemplo ou contestando as ideias dele. Em seu artigo, publicado em 2002, **Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono**, a autora Christine Douxami revela a existência de inúmeros grupos de Teatro Negro nas Cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, como Grupo Ação, de Milton Gonçalves (1964); Grupo Bruzundanga, de Zózimo Bullbul (1980); Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN), de Léa Garcia (1978 a 1980); Companhia Black e Preto (1993); Companhia Étnica de Dança e Teatro (1994); Centro de Integração e Desenvolvimento do Artista Negro (Cidan); de Zezé Motta, Teatro Experimental do Negro de São Paulo, de Geraldo Campos (1951); Grupo Evolução; Grupo de Pesquisa da Cultura Negra e Ori-Gen-Ilê de Criação, de Zenaide Silva; Espaço Imolé (Centro de dramaturgia e

pesquisa sobre a cultura negra); Teatro Negro da Bahia (Tenha), de Lúcia Sanctis (1969); Companhia Testa, Nivalda Costa (1975); Palmares Inaron, de Godi e Lia Sposito (1976); Hilton Cobra (anos 1980 e 1990); Grupo Cordão; Grupo de Teatro do Calabar; Bando de Teatro Olodum e Companhia de Teatro Popular do Sesi.

A pesquisadora Evani Tavares Lima também realiza um mapeamento de grupos de Teatro Negro em seu artigo, publicado em 2010, **Fórum Nacional de Performance Negra: O novo movimento do teatro negro no Brasil**, onde cita companhias de outras regiões do Brasil, como Grupo Cabeça Feita (DF); Grupo Afro Beré (CE); Cia Enki de Dança Primitiva Contemporânea (ES); Cia Teatral Zumbi dos Palmares (GO); Cia de Dança Afro Abanjá (MA); Grupo Teatral de dança e teatro Pandeiro de Ouro (MT); Cia SeraQuê? (MG); Grupo Cultural NUC (MG); Grupo Caixa Preta (RS); Grupo Ação Zumbi (SC); Invasores Cia Experimental (SP); Núcleo de Atores negros da Escola de Arte Dramática da USP – EAD (SP); Grupo Frente 3 de fevereiro (SP); Grupo Imbuaça (SE); Caixa Preta (RS).

Sobre este artigo, vale ressaltar que seu principal objetivo é apresentar as proposições e contribuições do Fórum Nacional de Performance Negra para o Teatro Negro do Brasil, espaço extremamente importante para os Teatros Negros contemporâneos. O Fórum nasceu da parceria dos grupos de Teatro Negro: Bando de Teatro Olodum (criado em 1990, na cidade de Salvador, e coordenado por Márcio Meirelles e Chica Carelli) e Companhia dos Comuns (criada pelo ator baiano Hilton Cobra, no Rio de Janeiro, em 2001).

Hoje, em 2021, podemos mapear ainda outras companhias, como As Capulanas (SP); Os Crespos (SP); Grupo Emú (RJ); Coletivo Negro (SP); Coletivo Preto (RJ); Núcleo Afro-Brasileiro de Teatro de Alagoinhas (NATA) (BA); Núcleo Negro de Pesquisa e Criação (SP) e muitos outros.

É interessante perceber a recorrente prática de mapeamento de Grupos de Teatro Negro em diversos artigos, como se fossem em resposta aos que insistem em afirmar que Teatro Negro não existe. Ou ainda como uma tentativa urgente de registrar a história de um povo herdeiro da oralidade

que teve suas origens, culturas e identidades dissolvidas em um sistema colonial absolutamente eurocêntrico e letrado.

E é com este mesmo objetivo que este artigo pretende realizar um mapeamento da história do Teatro Negro em Belo Horizonte, apresentar e refletir sobre alguns dos trabalhos realizados na capital de Minas Gerais. Começamos mapeando alguns aquilombamentos de Teatro Negro em Belo Horizonte:

1. Teatro Negro e Atitude (1993); 2. Companhia Burlantins (1996); 3. Grupo Circo Teatro Olho da Rua (1987); 4. Coletivo Negras Autoras (2015); 5. Espaço Preto (2014); 6. Companhia Negra de Teatro (2015); 7. Companhia Bando (2017); 8. Coletiva Preta de Teatro (2019); 9. Companhia Breve (2016); 10. Grupo dos Dez (2008).

Certamente muitos grupos, artistas e iniciativas escaparão ao alcance dessa pesquisa, mas só até aqui já foi possível mapear uma dezena de grupos que se dedicam ao Teatro Negro na capital mineira.

Belo Horizonte negro

Segundo entrevista com o multiartista Maurício Tizumba, realizada no dia 29 de agosto de 2017, os primeiros passos do movimento negro em Belo Horizonte também foram influenciados pelas ideias de Abdias Nascimento. No fim da década de 1970, ocorreram os primeiros encontros do Movimento Negro Unificado em Belo Horizonte. Intelectuais, artistas e militantes se reuniam dentro de uma livraria intitulada Livraria Vegas.

Nomes como Markim Cardoso, Dona Efigênia Pimenta, Wilson Queiroga, Benilda Brito, Cleide Ilda, Professor Dalmir Francisco, o panamenho Jorge Posada, dentre outros, encabeçavam discussões em torno de questões negras, buscando a possibilidade de avançar e abrir espaços para ocupar lugares em todos os setores da sociedade. Nesses encontros discutia-se política, as condições econômicas do povo negro no Brasil, estratégias de combate ao racismo e conscientização do povo negro.

Como reflexo de toda essa movimentação, no fim da década de 1980 e início dos anos 1990 surgem os primeiros grupos de Teatro Negro de Belo

Horizonte: o Grupo Circo Teatro Olho da Rua (1987), de Carlandréia Ribeiro Nascimento e Jacó do Nascimento, o grupo Teatro Negro e Atitude, iniciado por Hamilton Boges (1993), e a Companhia Burlantins, de Maurício Tizumba (1996).

É neste mesmo período que acontecem montagens de espetáculos marcantes para a história do Teatro Negro em Belo Horizonte: em 1990, o espetáculo **Jogo de Guerra Malê** apresentou ficha técnica composta exclusivamente por artistas negros com texto de Ricardo Aleixo, direção de Adyr Assunção e elenco integralmente negro. Em 1993 acontece o espetáculo do autor Aimè Césaire (escritor e poeta responsável por colocar em pauta questões da negritude e da descolonização), **Tempestade**, com tradução inédita realizada por Francisco Pontes de Paula Lima, direção musical de Maurício Tizumba, cenografia de Tarcísio ribeiro Jr. e direção geral de Bya Braga.

Em 1995, com o apoio da Prefeitura Municipal e da Secretaria de Cultura, os artistas Gil Amâncio, Maurício Tizumba, Adyr Assunção, Ricardo Aleixo, Djalma Corrêa, Fantini e outros, conseguem realizar a primeira edição do Festival Internacional de Arte Negra (FAN) de Belo Horizonte. Por falta de apoio e patrocínio, o festival ficou dez anos sem acontecer e só teve sua segunda edição realizada em 2005. Hoje em dia o festival acontece de dois em dois anos e faz parte do calendário oficial da cidade.

Nos anos 2000 nascem novos grupos de Teatro Negro na cidade de Belo Horizonte. Como uma espécie de continuidade dos grupos pioneiros da década de 1980 e 1990, surgem outros aquilombamentos como o Grupo dos Dez (2008), Companhia Espaço Preto (2014). Coletivo Negras Autoras (2015), Companhia Negra de Teatro (2015) e outros.

Outro movimento potente da cidade é a criação de espaços para que a arte negra se expresse e seja vista, além da criação de quilombos urbanos e nichos de trabalho para os atores negros. Nos últimos anos, diferentes mostras de arte negra foram criadas em Belo Horizonte: Mostra Benjamin de Oliveira, da Companhia Burlantins (2012); Polifônica Negra, idealizada por Aline Vila Real e Anderson Feliciano (2013); Segunda Preta, realizada no Teatro Espanca! (2017); Mostra Aquilombô, do Grupo dos Dez (2017); Mostra

Negras Autoras (2018); Fórum Taculas (2019) e Semana Idea de Arte Negra da Idea Casa de Cultura (SIAN) (2017).

O ideal é que os espetáculos de Teatro Negro possam ser valorizados e componham a programação dos mais diversos festivais de teatro pelo país, inclusive os não racializados. Mas, enquanto o racismo estrutural preterir nossas obras, criaremos nossos próprios festivais. Seremos idealizadores, gestores, curadores, produtores e realizadores de nossos trabalhos, festivais e até premiações.

Nesse sentido, vale ressaltar a criação do **Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras**, de Belo Horizonte. Idealizado pelo ator e mestre em educação Denilson Tourinho, em 2017, o prêmio homenageia a poeta, ensaísta, dramaturga, pesquisadora e rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá: Leda Maria Martins. Atua como um prêmio de teatralidades edificado em epistemologias e estéticas negras. O Teatro Negro segue em intenso e crescente movimento na cidade de Belo Horizonte, mas sempre atravessado por muitos desafios.

Dentre todos os aquilombamentos belorizontinos elencados acima, este artigo apresentará um pouco mais sobre a performance de Maurício Tizumba (meu pai e objeto de estudo de minha dissertação de mestrado, defendida em 2019 pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes, da UFMG) e Coletivo Negras Autoras (grupo no qual atuo, sou cofundadora e é dos objetos de estudo de minha tese de doutorado em andamento na mesma instituição).

Maurício Tizumba é um artista de vasta produção e de grande relevância na cena teatral mineira e brasileira. Em sua atuação plural, apresenta forte expressão nas artes performativas: ator, músico, compositor e instrumentista. Tizumba é reconhecido por fusionar diferentes âmbitos artísticos em sua performance. Em 2021, completa 64 anos de vida e 49 anos de carreira. Sua trajetória marca também a luta e a conquista para ampliar o acesso à arte e cultura em Minas Gerais, com o objetivo de sensibilização para a arte e cultura negras.

Além de artista negro, Maurício Tizumba traz consigo o congado mineiro¹ e o candomblé como religião. Em ambas as manifestações religiosas, ainda criança, Tizumba já performava ao rezar tocando, dançando e cantando. Suas crenças pessoais reverberam e transparecem em seus trabalhos. Portanto, não há como deixar de lado toda a tradição e memórias pessoais, coletivas e identitárias do artista para ler, analisar e interpretar a sua obra.

Em seu quase meio século de carreira, Tizumba participou de dezenas de peças. A seguir apresentamos um mapeamento dos trinta espetáculos teatrais dos quais Maurício Tizumba participou ao longo de sua trajetória (atuando ou dirigindo): 1. *O Pastelão e a Torta* (1974). 2. *Bella Ciao* (1986). 3. *Jogo de Guerra – Malês* (1990). 4. *Arlequim, Servidor de Dois Amos* (1991). 5. *A Máquina Infernal* (1991). 6. *A Tempestade* (1992). 7. *Hollywood bananas* (1993). 8. *O Pastor do Espanto* (1993). 9. *Pianíssimo* (1995). 10. *O Baile do Menino Deus* (1997). 11. *O Homem que Sabia Português* (1998). 12. *À sombra do sucesso* (2001). 13. *As Mais Belas Histórias de Lúcia Casasanta*. 14. *Grande Otelo – Êta Moleque Bamba* (2003). 15. *A Turma do Pererê* (2004). 16. *Besouro, cordão de ouro* (2006). 17. *Zeropéia – o show* (2007). 18. *O Negro, a Flor e o Rosário* (2008). 19. *Clara Estrela* (2008). 20. *Bituca – O Vendedor de Sonhos* (2008). 21. *Terra de livres* (2010). 22. *Respingos... De um sertão reinventado* (2010). 23. *Os Saltimbancos* (2011). 24. *Galanga Chico Rei* (2011). 25. *Oratório – A Saga de Dom Quixote e Sancho Pança* (2012). 26. *Clara Negra* (2013). 27. *Munheca* (2013). 28. *Auto de Natal – Os Três Reis Magos do Oriente e o Ére* (2015). 29. *Gabriela, um musical* (2016). 30. *Canto Negro* (2019).

Existem três principais características de Teatro Negro que dialogam diretamente com a performance de Maurício Tizumba: a militância relacionada às questões da negritude no Brasil, os matizes da tradição e o caráter interdisciplinar. Assim, quem teve a oportunidade de assistir alguns destes espetáculos citados acima ou virá a assistir alguns dos novos trabalhos que

¹ Manifestação religiosa de matriz africana com mais quatro séculos de existência em Minas Gerais.

Tizumba vem preparando, pôde e poderá apreciar um artista que traz para sua performance as heranças das manifestações de cultura popular e matriz africana que participa desde a sua infância e de onde extraiu, aprendeu e incorporou seus principais saberes e técnicas. Um artista ativista que se vale de sua arte como ferramenta de luta pela melhoria das condições de vida da população negra no Brasil, a partir de uma performance localizada na **encruzilhada**² sincrética interdisciplinar, borrando as fronteiras entre arte e vida, misturando âmbitos artísticos e reverberando em seu corpo negro pulsante suas raízes ancestrais permeadas de expressividade e potência.

A atuação de Maurício Tizumba não se resume ao teatro. O artista também tem carreira expressiva na música, além de transitar pelo cinema, pela TV e pelo empreendedorismo, sendo gestor do Espaço Cultural Tambor Mineiro e idealizador da Mostra Benjamin de Oliveira e do projeto Solo Negro. Além de formado no Teatro Universitário da UFMG em 1991, Tizumba se graduou em Turismo em 2017 e está prestes a receber o título de Doutor Notório Saber pela Escola de Belas Artes da UFMG. E aqui, mais do que como artista, é reconhecido também como pensador de seu fazer artístico e contribui para a ampliação da percepção em torno das ideias de Teatro Negro a partir de seu ponto de vista:

Teatro Negro, pra mim, é tudo que o negro pode fazer na dramaturgia mundial do teatro. Passando por Sófocles, Sêneca, Shakespeare, Oscar Wild, Goethe, Brest. Tudo isso é Teatro Negro, a partir do momento em que o negro possa fazer. Porque enquanto só o branco pode fazer, é só teatro branco. Quando o negro tem a vez de colocar o seu corpo negro em cena pra fazer qualquer modalidade, como Tragédia, Comédia, Drama, Teatro Musical, Teatro de Rua, Teatro de Boneco, Stand-up, Butô, Kabuki. Tudo isso pode ser Teatro Negro. Inclusive costume dizer que o Teatro Negro não é um teatro sem luz, é um teatro com a luz da corporeidade negra em cena com linguagem da ancestralidade africana e afro-brasileira. Um teatro com a luz do corpo negro em cena que é diferente do branco. A gente tem que ter a certeza que o branco é diferente do negro. A gente não pode cair na ilusão de que os dois são iguais. Porque quando os dois estão em cena, você olha e um branco e o outro é preto. A diferença é muito grande: a forma de interpretar é diferente, o sorriso, a gargalhada, a luz é diferente. A partir do momento em que o negro pega uma dramaturgia qualquer pra fazer, até de branco, vira Teatro Negro. A gente sabe que nunca foi aceitável, durante muitos anos tudo era

² Professora Leda Maria Martins nos ensina a usar o termo encruzilhada como operador conceitual que contribui para as reflexões dos estudos culturais afro-brasileiros.

separado, o negro teve que tomar essa possibilidade da gente entrar e fazer um Shakespeare. Teatro Negro é onde você vê ou um único negro fazendo teatro, ou um grupo de negro fazendo teatro e até com a possibilidade da presença de um ou dois brancos. Não é uma coisa radical, até mesmo porque a gente não tem intensão de fazer White Face. (TIZUMBA, 2019).

E as gerações que se seguem agora dão continuidade ao legado de Maurício Tizumba. Muitas das pessoas que estudaram e aprenderam com o artista, hoje seguem carreiras artísticas profissionais e se inspiram em seus ensinamentos. Um exemplo disto é o Coletivo Negras Autoras. Dentre as várias referências do grupo, Maurício Tizumba é uma delas.

O Coletivo Negras Autoras nasce no ano de 2015, nos entornos das atividades que aconteciam no Espaço Cultural Tambor Mineiro. O espaço, idealizado por Maurício Tizumba no ano de 2001, se tornou uma espécie de quilombo urbano, um lugar de valorização e divulgação da tradição do Reinado de Minas Gerais. Era um ambiente de conexão daqueles que tocam tambor com suas ancestralidades negras, referência de cultura afro-mineira na cidade de Belo Horizonte e funcionou no mesmo lugar (Rua Ituiutaba, 339, Prado) até o início da pandemia da Covid 19, no ano de 2020.

Cada uma das integrantes do Coletivo fazia parte de algum dos projetos realizados no espaço e, de acordo com Vi Coelho³:

Muito no auge da descoberta de várias questões relacionadas à identidade e ancestralidades negras, aos trabalhos artísticos, desejos, às situações racistas e desconstruções que víamos como importantes para nós e para o mundo, o Tambor Mineiro foi um ponto de encontro para um grupo de amigas negras que tinham uma à outra como espelho e referência de fortalecimento. (COELHO, 2020)

Atualmente, o Coletivo Negras Autoras é formado por quatro multiartistas negras: Elisa de Sena, Júlia Tizumba, Manu Ranilla e Vi Coelho, mas já apresentou outras formações. O grupo nasce em 2015, idealizado pela ex-integrante Eneida Baraúna, com a estreia de seu primeiro espetáculo, “*NEGR.A*”. Em 2017 é apresentado o segundo espetáculo: “*ERAS*”, com

³ Transcrição de depoimento da integrante Vi Coelho no vídeo **NEGRAS AUTORAS LANÇAMENTO DO ÁLBUM, realizado de forma independente por Pâmela Bernardo em 28 de fevereiro de 2020**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EscNEhj0nbg&t=5s>. Acesso em 25 jul. 2021.

direção de Grace Passô e preparação vocal de Fabiana Cozza. Em 2020, lançou seu primeiro disco que traz o registro de parte da trilha sonora de seus dois primeiros trabalhos e o livro “*Poesia Armada*”, que reúne os textos e letras de músicas que compõe a dramaturgia de suas peças e shows.

NEGRA é o primeiro espetáculo do grupo. Consiste em um espetáculo cênico musical, composto por canções e textos autorais, idealizado, produzido e dirigido pelas integrantes do Coletivo, com dramaturgia pautada na palavra, no corpo e na sonoridade, criando um ambiente cênico que descreve o percurso e o posicionamento da mulher negra ativa na sociedade contemporânea em conexão com a ancestralidade.

O espetáculo é composto por treze músicas que são apresentadas em meio a textos e poemas. A mulher negra contemporânea, universitária, solteira, casada, mãe, artista, independente é a personagem principal desse trabalho. Com base nos relatos das autoras, juntos com os de mulheres negras que são referência na história e na busca da identidade e da ancestralidade, esse projeto busca dar voz a todas as mulheres, sobretudo às mulheres negras de Minas Gerais. Nas palavras de Marcos Antônio Alexandre, neste espetáculo “evoca-se uma **textualidade corpórea**” (ALEXANDRE, 2017, p. 91).

Esta teia de textualidades múltiplas é concretizada em cena no espaço cênico das oralidades e as atrizes reivindicam por meio de seu canto a reflexão e, como mulheres negras no palco, logram que seus corpos se somem às suas músicas, aos instrumentos e às suas vozes, fazendo com que os seus discursos possam ser acompanhados por outras vozes; assim como seus corpos possam ser acompanhados por outros corpos. É a corporeidade da mulher negra – aspecto inerente ao Teatro Negro – que é trazida para o palco e ressignificada em forma de teatro musical, rito que busca reverberar e transcender os espaços intervalares do palco e dos espaços cênicos por onde o trabalho foi apresentado. (ALEXANDRE, 2017, p. 98).

ERAS é a segunda criação do Coletivo Negras Autoras que também trata do universo negro feminino a partir de textos e músicas autorais. Com direção de Grace Passô, preparação vocal de Fabiana Cozza e participação da instrumentista Lauriza Anastácio, as multiartistas se revezam em cena, entre instrumentos e interpretações. Utilizam suas composições na

construção de um espetáculo sobre relações temporais e atemporais entre o universo da mulher negra e o que a rodeia na contemporaneidade. Conectadas aos seus lugares de fala, enunciam as que vieram antes, as que virão e as que vivem na atualidade, em histórias que atravessam o tempo, por eras e eras. A palavra sonora e corporal conduziu o destino desta obra que viajou pelo Brasil e recebeu o Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras de melhor figurino e melhor iluminação, em 2017.

Em ambos os espetáculos, podemos perceber como a performance das artistas está diretamente conectada a suas existências de mulheres negras e como também se valem da arte para lutar não só pelas questões raciais, mas também pela questão feminista. Assim, artistas escrevem⁴ suas dramaturgias negras ancestrais pelos palcos e terreiros da vida, por meio do canto, da dança e dos batuques, amalgamando suas potências individuais em uma única voz que é diversa e multifacetada. Fazendo resistência e ressignificação cultural a partir da filosofia quilombola da união, do grupo, da irmandade: do aquilombamento.

Uma página em negro

Nas páginas anteriores podemos encontrar um mapeamento de diversos grupos de Teatro Negro por todo Brasil e um breve panorama sobre a história do Teatro Negro na cidade de Belo Horizonte. E nas páginas seguintes, o que encontraremos? Ainda há um longo caminho pela frente, será necessário força e muito trabalho.

O Teatro Negro ainda precisa lutar para ser reconhecido (por conta de todo o racismo estrutural de nosso país) e por trabalhar, muitas vezes, com um modo de fazer teatral diferente dos modos clássicos de se pensar e fazer teatro, que não necessariamente se sustenta na tradição da literatura dramática, mas contempla outros modos de criar cenicamente por meio do

⁴ Escrevivência é termo cunhado pela intelectual negra Conceição Evaristo para dizer de uma literatura feita por mulheres negras e comprometida com a condição da mulher negra na sociedade brasileira.

corpo, da música, da poesia e do encontro ritual. Mas o povo negro é um povo de resistência. Não desistiremos.

Que as páginas em negro continuem abertas e cada dia mais livres para seguirmos escrevendo nossas próprias histórias, a partir de nossas perspectivas, tomando de volta nossas vozes e contribuindo na construção do mundo que desejamos.

Bibliografia

ALEXANDRE, Marcos Antônio. Aspectos dos rituais religiosos no teatro negro brasileiro contemporâneo. **Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas 2010 (ABRACE)**, [s. l.], v. 11, n. 1, 2010.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. Galanga, Chico Rei: encruzilhadas do rito, memória e religiosidade. **Anais do VII Congresso de Pesquisa e pós-Graduação em Artes Cênicas 2012**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, out. 2012. Disponível em:

http://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/etnocenologia/Marcos_Antonio_Alexandre_-_Galanga_Chico_Rei_-_encruzilhadas_do_rito_mem_ria_e_religiosidade.pdf Acesso em: 22 jun. 2017.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. Marcas da Violência: vozes insurgentes no Teatro Negro Brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 123-147, jan/jun.2012. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>.

DOUXAMI, Christine. Teatro Negro: a realidade de um sonho sem sono. **Afro-Asia**, Salvador, v. 25-26, p. 313-363, 2002. DOI: 10.9771/aa.v0i25-26.21016.

GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA DO IESP-UERJ. Disponível em: <http://gema.iesp.uerj.br>. Acesso em: 1 jul. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 jul. 2016.

LIMA, Evani Tavares. **Capoeira angola como treinamento para o ator**. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LIMA, Evani Tavares. Teatro negro, existência por resistência: problemáticas de um teatro brasileiro. **Revista Repertório**, Salvador, n. 17, p. 82-88, 2011.

LIMA, Evani Tavares. **Um olhar sobre o teatro negro do Teatro Experimental do Negro e do Bando de Teatro Olodum**. 2010. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.

- MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MARTINS, Leda Maria. A fina lâmina da palavra. **Revista O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 15, 2007.
- MARTINS, Leda Maria. Performance do Tempo Espiral. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia Arbex (org.). **Performance, exílio, fronteiras**: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românticas da Faculdade de Letras/UFMG, 2002.
- MARTINS, Leda Maria. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. **Letras**, [s. l.], n. 26, p. 63-81, 2003.
- NASCIMENTO, Abdias (org.). **Dramas para negros e prólogo para brancos**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.
- NASCIMENTO, Abdias (org.). **Teatro Experimental do Negro**: testemunhos. Rio de Janeiro: GDR, 1966.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, [s. l.], v. 18, n. 50, 2004.
- TIZUMBA, Maurício. **Entrevista concedida via plataforma zoom a Júlia Dias Lino Moreira**. Entrevistadora: Júlia Dias Lino Moreira. Belo Horizonte: 2017.
- TIZUMBA, Maurício. **Entrevista concedida via plataforma Zoom a Júlia Dias Lino Moreira**. Entrevistadora: Júlia Dias Lino Moreira. Belo Horizonte: 2019.